

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Minas Class.: 44

Data: 01/11/83 Pg.: \_\_\_\_\_

### Caminhada à terra Pataxó (IV)

# Traição de brancos, causa do massacre

No dia 20 de outubro ainda continuamos em Barra Velha, na Aldeia Pataxó. Ficamos sabendo que o retorno à civilização adiantada seria no dia seguinte, 21, antes do meio dia. Era necessário acelerar o trabalho. Muitas coisas precisavam ser descobertas naquele "paraíso" silvestre e a praia nos esperava. Afinal, o corpo merecia um descanso e um bronzeado, antes da partida.

O índio Bidu, que está sendo treinado para ser o cacique da tribo, ofereceu seus préstimos para nos levar até algumas pessoas que poderiam nos contar o passado daquela tribo. O massacre sofrido em 1951 e como eles viviam na época. Saímos do alojamento da Funai cedo, em direção à Aldeia que fica bem perto, entre a praia e o alojamento.

A primeira parada foi na casa de dona Josefa Ferreira, uma índia paraplégica que acha que tem "por volta de 62 anos de idade", mãe de sete filhos, avó de "mais ou menos 30 kitokos" (crianças) e amiga de todos da aldeia. Bidu conta que "dona Zefa é tipo uma conselheira da tribo, porque viveu e sofreu muito neste mundo, lutando por dias melhores".

**SOFRIMENTO E ESPERANÇA**  
No início da Aldeia, bem perto de uma Capela e do Cemitério, a casa da índia Josefa Ferreira está aberta para todos: dividida em dois cômodos pequenos, chão batido, tijolo pintado de branco, uma cama com esteira e algumas estacas fincadas no chão para a velha índia se deslocar até o terreiro



"Auré ramejada", a festa Pataxó

ou mesmo até o fundo de um pequeno quintal.

Soriso aberto, sem muita curiosidade, ela nos recebe. No terreiro, dona Zefa se acomoda com dificuldade em uma cadeira e começa a nos contar, bem à vontade, um pouco do que sabe da vida da tribo. Ela inicia pelo massacre sofrido em 1951. A velha índia era adolescente, mas já carregava a responsabilidade de mãe de três pequenos filhos e o orgulho de ser uma das "filhas" do

cacique Honório. Ele não era pai verdadeiro da índia, mas ela o considerava assim.

Ela aceita um cigarro e dá "boas-vindas aos brancos". Depois lembra a traição, a morte, a fuga e o desespero sofridos. "O meu "pai Honório" era o cacique da nossa tribo em 51, quando éramos mais ou menos uns 500 índios. Ele era muito esforçado e sempre se preocupava em ajudar toda a nossa gente. Mas era também muito bobo e honesto". Falan-

do calmamente, entre um trago e outro do cigarro, dona Zefa, cabeça baixa, continua contando a história na presença do Bidu.

— Um dia meu pai, com muita sede de melhorar a vida da aldeia, conseguiu um jeito de ir até o Rio de Janeiro para registrar nossas terras. Quando ele voltou, dois outros homens, brancos, estavam com ele. Estes brancos falaram aqui na tribo que eram do governo e que vieram para ajudar a gente. Um dia eles começaram a juntar índio daqui, índio dali, e quando um grupo estava formado, levaram estes índios até Corumbá, onde obrigaram todos a invadir uma vendinha de um homem. Os dois brancos atiraram neste homem sem dó e mandaram os índios apanharem tudo da vendinha falando que aquilo era nosso".

A índia Josefa demonstrava estar abatida. A paralisia destruiu um pouco da força que tinha e ficamos preocupados se não estaríamos abusando de sua boa vontade. Ninguém perguntou nada e de repente dona Zefa fala: "Olha gente sei que vocês são pessoas boas e honestas. Quero conversar muito. Vocês estão com paciência com esta velha?". Assustamos com a sua percepção e ficamos mais tranquilos. A índia continua com o filtro do cigarro entre os dedos. Oferecemos outro e ela aceita, resolvendo, imediatamente, continuar a contar o que sabia do massacre de 51.

Ela não esquece onde havia parado. "Os índios, como são bobos, obedeceram a ordem dos brancos e voltaram para a Aldeia. No dia seguinte à chegada aqui, os dois brancos falaram que teriam de voltar ao Rio de Janeiro para tratar de alguns assuntos, mas retornariam no dia 18 de maio para marcarmos as terras. Cinco dias depois do acontecido na vendinha, estes dois voltaram e junto deles vieram os homens da Polícia. Um grupo era de Santa Cruz e outro de

Prado. Eles ficaram separados. Um grupo de um lado e outro do outro, trocando tiros e os índios no meio apavorados. As duas polícias achavam que eram os índios que estavam atacando e quando descobriram o erro, começaram a bater em toda a gente e a atirar nos índios da tribo. Foi o maior inferno isto aqui. Nós não entendemos nada e de repente descobrimos que fomos traídos pelos dois brancos. Ai lá era tarde e a solução foi fugir para a mata, evitando sofrer nas mãos dos soldados que violentavam, torturavam e até matavam os índios e ainda colocavam fogo nas casas".

A conselheira da tribo Pataxó continua a contar pausadamente: "Quando eu vi toda aquela confusão, comeci a rezar pedindo a Tupã muita coragem. Agarrei meus três filhos e fugi para a mata, onde fiquei durante sete dias e sete noites passando dificuldades. Meu marido foi amarrado e espancado pelos soldados, como meu "pai Honório". Durante a noite do sétimo dia, resolvi sair da mata e voltar para a Aldeia, onde eu pensava encontrar meus irmãos Pataxó. Quando aqui cheguei não tinha ninguém. As casas estavam todas queimadas e os Pataxó espalhados pela mata com medo de voltar. Foi então que resolvi procurar meu marido. Encontrei com ele em uma fazenda perto daqui e voltamos para a Aldeia".

Conta dona Zefa que teve medo e pavor de continuar a viver "pela primeira vez na vida". Disse ela que "quando cheguei, novamente na Aldeia, começamos a construir uma nova casa e a ficar cheia de esperança. Um dia, pela manhã, eu chorei muito e rezei pedindo a Tupã que clareasse a minha idéia. Depois que acabei de orar, olhei para a estrada e vi duas pessoas chegando. Mostrei para meu marido e ficamos esperando. Quando estas duas pessoas chegaram mais perto, descobri que eram meus pais".

Neste momento, a índia Josefa começa a chorar emocionada. Engasgada, ela conta que saiu correndo em direção ao pai e a mãe e "chorando muito nos abraçamos. Meu pai queria saber dos outros Pataxó e saiu para a mata para buscar os índios. Foi assim que nós conseguimos levantar a Aldeia novamente. Depois de muito tempo, Honório morreu e meu irmão ficou sendo o cacique da tribo. Eu ajudava muito todas as pessoas e hoje fico magoada com alguns deles porque não seguem meus conselhos", desabafou dona Zefa.

A velha índia, quando termina de contar fatos relacionados com o massacre, que "até hoje ninguém sabe porque aconteceu", pede uma ajuda para seus irmãos Pataxó "que merecem uma vida mais digna". Para ela não pede nada mas, deixa claro que o maior desejo é o de, um dia, conhecer uma cidade grande e ter contato com o mundo de fora que "deve ser lindo e maravilhoso". Nos despedimos.

A volta para o alojamento da Funai é lenta. Por diversas vezes paramos para conversar com crianças, jovens e idosos. Todos estão satisfeitos com a presença dos brancos na Aldeia. Decidimos dar um descanso na praia, depois do almoço-jantar.

O sol já estava mais brando quando retornamos para a Aldeia. Em frente ao alojamento, vários índios pintados, vestidos de tangas, com colares no pescoço se preparam para dar início à "Ramejada" (festa, em Pataxó). Dançaram e cantaram até escurecer. Nada beberam. Noite clara. Alguns não querem dormir e, em rodinhas, conversam até o amanhecer. Hoje, infelizmente para muitos, voltaremos para Belo Horizonte.

TEXTO: de Idamaris Félix  
FOTOS: de Marcos Guião